

COLETÂNEA

CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS

1º
CONCURSO LITERÁRIO
EMÍDIO DE SOUZA
2022



PREFEITURA DE
ITANHAÉM

Secretaria de Educação,
Cultura e Esportes



1º
CONCURSO LITERÁRIO
EMÍDIO DE SOUZA
2022

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTES

Av. Condessa de Vimieiros, 1.131 – Centro – Itanhaém – SP

Fone: (13) 3421-1700

Secretária: Márcia Galdino Alves

Organização

Departamento de Cultura de Itanhaém

Diretor: Tony Sheen

Diagramação, Edição e Revisão

Henrique Ranieri Cristovão

Projeto Gráfico

Ana Beatriz Ubrig Coelho

Ficha Catalográfica

I Concurso literário Emídio de Souza: Secretaria de Educação, Cultura e Esportes de Itanhaém: Itanhaém,2022.

54 p.:

E-book concebido pela primeira edição do Concurso Literário Emídio de Souza – Itanhaém/SP, realizado entre 08 e15/10/2022, com a Curadoria do Departamento de Cultura.

1. Poesia. 2. Crônica. 3. Contos. I. Título

CDD B869.8

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Maraléia Menezes de Lima – CRB-8ª 7906

Índices para o catálogo sistemático

1. Literatura Brasileira B869
2. Poesia: Literatura Brasileira B869.3
3. Crônicas: Literatura Brasileira B869.8

Sumário

Nota da comissão julgadora	4
Contos	8
<i>Memorial Benedicto Calixto de Aires</i>	9
<i>Benditos calixtos.....</i>	13
<i>Será o fim?.....</i>	21
Crônicas.....	25
<i>A lua dividida ao meio é uma ostra.....</i>	26
<i>Pergunte a Calixto</i>	28
<i>Breve história de um pintor itanhaense... ..</i>	30
Poesias	31
<i>calixto bendito.....</i>	32
<i>O pintor da vida.....</i>	34
<i>Calixto.....</i>	36
Menções honrosas — Poesia	38
<i>Autorretrato</i>	39
<i>A baixada de Calixto.....</i>	42
<i>Um pensamento de Calixto</i>	44
<i>Bendito Calixto</i>	46
<i>Pintando a vida.....</i>	49
<i>Voa passarinho, voa</i>	51
Poesia estudantil	52
<i>Um homem indescritível.....</i>	53

Nota da comissão julgadora

O 1º Concurso Literário Emídio de Souza – 2022 foi realizado pela Secretaria de Educação, Cultura e Esportes da Prefeitura de Itanhaém, durante a 57ª Semana Benedito Calixto. Intitulado "Calixto em versos e prosas", o concurso vislumbrou nessa iniciativa uma forma de reunir talentos, na maioria desconhecidos, fomentar a produção literária do município e divulgar seus trabalhos ao público.

Como qualquer trabalho coletivo, a leitura deste livro exige a consideração da riqueza específica de cada contribuição, bem como a diversidade que ela apresenta. Mas é todo esse trabalho que me deixa feliz em ver algo importante e novo acontecendo em nossa visão de mundo.

Esse e-book permitirá a você leitor, conhecer mais sobre uma das questões mais importantes que esta coletânea nos revela, que é a homenagem ao nosso maior ícone local: Benedito Calixto de Souza.

— **Maraléia Menezes de Lima**

Gestora da Biblioteca Municipal Paulo Bomfim

Ao se analisar um texto, seja qual for sua estrutura ou estilo, existe a chance de estabelecer intimidade com a mente do autor. Afinal escrever também é uma exposição de si, é se lançar a percepções alheias usando a palavra como meio.

Assim tive a oportunidade de conhecer novas pessoas através de suas visões sobre o nosso célebre artista itanhaense. Benedito Calixto reviveu e se multiplicou pelos olhares que o apresentaram de modo especial, peculiar a cada um.

Os escritos, por distintos que fossem, cumpriram o objetivo de homenagear o precioso legado artístico de um homem. E o fizeram da melhor forma: através de mais arte.

— **Valdenir Ramos**

Auxiliar de biblioteca na Biblioteca Municipal Paulo Bomfim

Ser convidada a compor a Comissão Julgadora de importante concurso, o 1º Concurso Literário Emídio de Souza, enaltecendo a figura de Benedito Calixto com o tema “Calixto em Versos e Prosas”, organizado pela Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, deixou-me honrada, ainda mais por representar a egrégia Academia Itanhaense de Letras.

Ler as produções foi um deleite e ao mesmo tempo alimentou minh'alma enchendo-me de prazer com o alto nível de textos vindos das mais diversas regiões do Brasil.

Parabéns aos organizadores e a todos os participantes.

— **Elizabeth Cury Bechir Watanabe**

Presidente da Academia Itanhaense de Letras (AIL)

Ser jurado é, em parte, ser juiz. Tarefa delicada e complexa que exige simultaneamente a aplicação de critérios objetivos e uma apreciação subjetiva dos textos que nos são apresentados.

Ser jurado é ser o primeiro a sentir a emoção de uma significativa contribuição literária, que será, mais tarde, lida e apreciada por muitos outros.

Ser jurado do 1º Concurso Emídio de Souza, lançado pela Secretaria de Educação, Cultura e Esportes de Itanhaém constituiu, para mim, uma honra e um privilégio, pois permitiu através da participação de nossa presidente Betty Bechir Watanabe e de minha pessoa, o envolvimento da Academia de Letras de Itanhaém num evento que contribuiu para expandir os limites culturais de nossa cidade.

Agradeço, pois, aos idealizadores e realizadores desse concurso essa oportunidade única e enriquecedora.

— **Joana Merlin Scholtes**
Acadêmica e Membro do Conselho Fiscal da
Academia de Letras de Itanhaém (AIL)

Contos



Memorial Benedicto Calixto de Aires

Por Carlos Brunno Silva Barbosa

Arrumei-me às pressas para visitar meu querido artista e amigo Benedicto Calixto, logo após ler, nos jornais, as primeiras notas críticas favoráveis à exposição que ele fez na capital. Queria ser o primeiro amigo a parabenizá-lo pelo destaque merecido dado a suas obras. Admirava demais suas telas e sabia que aquela sua primeira exposição, que eu tanto o estimulara a fazer, seria um marco em sua carreira.

Saí de casa efusivo em direção à residência de meu amigo. Em contraste à minha empolgação, o sol banhava Brotas com raios discretos e amenos, numa apatia jamais anteriormente testemunhada por mim naqueles dias, ao mesmo tempo, tranquilos e agitados de 1881.

Meus ares festivos permaneciam incólumes quando bati na porta da casa de meu amigo, chamando seu nome em sonoro e sorridente som; sou um tanto expansivo demais, quando estou contente, perdendo um pouco de meus habituais decoro e serenidade racional. Uma certa demora em atenderem meu chamado, o sol cordato e o pouco vento arrefeceram meu espírito brejeiro e pareciam despertar-me para alguma postura cautelosa quanto à celebração do sucesso de meu amigo. Mesmo assim, ignorei os primeiros sinais e mantive uma certa postura comemorativa.

Sua esposa Antônia veio atender-me. Trazia olheiras significativas e resignadas e sua palidez alcançava uma alvura próxima à de uma entidade fantasmagórica:

— Bom dia, Senhor Aires. Meu marido encontra-se nos fundos...

Mesmo diante de tantos maus sinais, ainda descrente de qualquer necessidade de recato ou consternação, respondi à saudação matinal de

Antônia, atirei-me para dentro da casa e disparei como um raio na direção apontada por ela.

Mal chegara onde Benedicto estava e já fui me anunciando, como meu coração já ensaiava durante todo o trajeto de minha casa até aqui:

— Ótimo dia, Calixto! Já li nos jornais desta manhã que a sua exposição na prestigiada redação do “Correio Paulistano” foi um sucesso. Depois de tanto planejarmos, não imaginaria resultado diferent...

Interrompi-me. Benedicto estava em seu ateliê improvisado, de pé, cercado por todos os quadros que levara para a exposição na capital. Olhava os quadros distraidamente e o sol tímido na janela entreaberta iluminava parcialmente o espaço e fazia uma sombra melancólica no rosto de meu amigo.

— Ótimo dia, amigo Aires... — respondeu-me, virando o rosto para meu lado, mas não completamente, como se os quadros disputassem comigo a sua atenção. Tentou trazer em vão um sorriso amigável no semblante jovial, mas algo meio trágico afetava seu ensaio de simpatia. Benedicto tinha 28 anos e sempre me aparentava ter muito menos, mas, naquele momento, uma sombra secular parecia pesar sobre seus ombros e sua face.

— Eu li... nos jornais... todos os críticos elogiaram a exposição... eu... pensei... eu... vim... te parabenizar... — fui falando atabalhoadamente — perdoe-me... a entrada...

— Então os críticos, eles gostaram... — Benedicto falava, com uma satisfação perdida e ares distantes, parecendo pescar com o olhar alguma esperança fugidia nos raros raios de sol que timidamente venciam a janela entreaberta e alcançavam o seu rosto. — ...mas não vendi nenhum quadro... — de novo, a sombra, efêmero nublar de instante.

Percebi-me, como ele, contemplando todos aqueles quadros maravilhosos acumulados no ateliê improvisado, como se incomodados com as breves sombras do espaço. Seria eu, ao invés de feliz penetra na festa de ascensão de meu amigo, uma testemunha involuntária do seu enterro em vida?

— Foi a primeira exposição, amigo! É assim mesmo! Só críticas boas! Ainda não foi o momento... Mas tenhamos fé; há de ser! — Quanto mais eu emendava o soneto, pior ficava o remendo. Minha voz, outrora de tons equivocados, ganhava nuances pálidas. As palavras saíam engasgadas e eu não conseguia contê-las, como se agravasse ainda mais o deveras perceptível engasgo.

— Há de ser, amigo, há de ser... — Benedicto repetia partes de minhas sentenças finais, ao mesmo tempo que seus olhos percorriam as telas, como um pincel, parecendo, neste momento, procurar aquela esperança fugidia de outrora nos quadros ao seu redor. — Fé... — olhou para um quadro de motivo religioso, pulando outros que traziam paisagens da capital até parar demoradamente nas telas e desenhos de Itanhaém e de Santos. — Mar... sinto falta do mar...

Foi nesse instante, quando Benedicto ergueu as mãos para tocar com leve carinho o mar da tela, que reparei que seus dedos apresentavam manchas de tinta secas, mas recentes. Mesmo com o insucesso das vendas, sua arte, que tanto admiro, jamais esteve ameaçada. O fracasso apenas requerera de meu amigo alguma longa reflexão, que lhe antecipou uma imperativa mudança (ou retomada) de rumo. Eu não perdia nem o amigo artista que eu tanto estimava, nem festejava equivocadamente um deslumbre fora do tempo; apenas presenciava uma magnífica tela de efêmera despedida, impossível de ser pintada pelas minhas mãos, mas

infinita, incontidamente bela em minhas retinas. Ah, maldita arte divina e maravilhosamente benedicta!

Gargalhei muito alto, a ponto de despertar Benedicto de seu frenesi:

— Amigo Aires, tudo bem?

— Cada vez melhor, querido Calixto.

Abracei-o, despedi-me e parti para minha casa, levando comigo uma tela magnífica de meu amigo Benedicto Calixto que apenas eu via.

Benditos calixtos

Por Érica Jorge Carneiro

Parecia só mais um dia comum. Acordar, ouvir minha mãe berrando tô atrasada, vai logo, criança hoje em dia é tudo assim, não sabe dar valor pro que tem, enquanto tiver morando aqui tem que seguir o que eu mando, sai desse celular, nem leite toma e já tá nisso. Anda, se veste que eu te levo no cano da bike. Tanta frase junta que meu corpo não correspondia ao cérebro, esse um verdadeiro herói para tentar captar rapidamente o som, decodificar as mensagens da Dona Ana e jogar comandos aos meus músculos, praticamente inertes.

Eu não tinha ideia do que viria a acontecer, só pensava em poder faltar à aula, ficar em casa aproveitando as horas de silêncio sem os berros e o descontrole da minha genitora. O jeito era ir pra escola e encarar outros gritos, agora os dos alunos às 7h da manhã com sua peculiar energia selvagem que não sei de onde vem. Gritos das coitadas das inspetoras, desesperadas logo cedo para conter o alvoroço matinal. Gritos da minha consciência que olhava tudo aquilo e não se reconhecia.

Naquele dia, como de costume, fui uma das primeiras a entrar na sala. Era um alívio sair do pátio, encontrar a minha carteira, encostar meu corpo na parede e parecer existir. Horrível era sair novamente para ir ao intervalo me misturar com pessoas das quais não tinha a mínima empatia. Quem inventou essa pausa escolar dramática?

Naquele dia, não tão de costume, olhei a lousa e estava escrito “Aula aberta a aprendizes de arte, hoje às 16h, na orla da praia em frente à Associação Comercial”. Eu não sabia onde era aquilo porque o meu trajeto reduzia-se a casa-escola-mercado-casa-igreja-casa, nem sempre nessa

mesma ordem. Também não sabia o que era uma associação comercial, mas de ouvido não me pareceu combinar com arte.

O professor entrou, jogou seu material sobre a mesa (como de costume), virou-se para a lousa e com certeza antes mesmo de ler, apagou o comunicado. Ninguém mais deve ter lido, porque a sua violência em expor o pó do apagador na nossa cara era mais forte do que a sua vontade de estar ali. Eu entendia o professor, estava me sentindo igual. Mas, fiquei com aquilo na cabeça. Aula aberta? Aprendizagem de arte?

O comunicado estava apagado, mas foi o suficiente para me mostrar que as minhas aulas na escola eram “fechadas”. E fez todo o sentido. Estávamos enclausurados diariamente em salas de pequena metragem, em livros didáticos que nos levavam ao Japão, mas não nos ensinavam a nossa própria territorialidade. Fechados em conceitos e em uma linguagem que não conversava com as nossas gírias e português mal-elaborados. A aula aberta me pareceu um convite para o que eu não sabia racionalizar, mas intuía. Anotei rapidamente no meu caderno, mas já não lembrava o que vinha antes de arte... apresentação? Aprendizagem, artistas?

Fugindo das poucas interações que eu tinha com meus colegas no intervalo, fui à secretaria da escola perguntar sobre o comunicado. Ninguém soube me dizer do que se tratava. Dirigi-me à sala dos professores ao fundo. Era difícil chegar até ela, que ficava próxima à quadra e também perto de um vão onde todas as bicicletas eram guardadas. Fiquei me perguntando se os professores gostavam daquele espaço pois ao mesmo tempo que era afastado das salas de aula e do pátio (algo que certamente os deixaria felizes), era um verdadeiro malabarismo para chegar sem prender a manga de uma blusa em um guidão ou ainda o cadarço em algum pedal de bike. Chegar à minúscula sala dos professores era uma ginástica e tanto! Consegui ultrapassar os obstáculos.

A porta estava fechada. Bati duas vezes e ninguém respondeu. Eu ouvi as conversas e risadas altas, achei que eles não teriam ouvido o meu tímido batido. Ousei empurrar um pouquinho e uma mão forte empurrou de volta. Tomei um susto, ainda bem que não coloquei a cabeça junto porque teria recebido uma pancada. E quando eu já desistia, vinha chegando mais um atleta dos obstáculos de bicicletas — vulgo professor de matemática — e me perguntou o que eu precisava. Só queria saber do comunicado que estava na lousa da minha sala, uma aula aberta, eu lembro bem disso, mas não sei como chegar lá, se alguém daqui vai levar, o senhor sabe, professor?

Ele não me respondeu, só riu, deu duas batidinhas no meu ombro, bem mais leves do que as que eu dei na porta, abriu e chamou a professora de artes que estava no fundo da sala falando ao telefone. Domênica, vem cá, tem aluna aqui, é lá daquele negócio daquela aula, daquele pessoal hippie! Foram tantos “daquele” na mesma frase usados de um jeito meio pejorativo, meio engraçado, carregando um ar de exotismo. Não demorou para que a Domênica se levantasse, arrumando seu poncho andino, prendendo seus cabelos longos pretos com uma caneta e falasse que bom, então temos uma aprendiz? A palavra que eu não lembrava surgiu pronunciada em uma cadência bonita: a-pren-dizz. O z foi prolongado e eu devo ter sorriso levemente, sem graça.

Domênica explicou que o grupo confirmou muito em cima da hora, ela teve pouco tempo para divulgar nas escolas e até aquele momento poucos alunos haviam se interessado. Contou que a aula seria ofertada por três amigos seus: uma professora e dois professores que mantinham uma oficina artística na cidade de Santos chamada Bendito Calixto e que seria uma oportunidade única, revigorante, uma imersão zen, um contato com nosso próprio eu, com a natureza e nossa energia primitiva... seguiu

falando outras coisas que eu já não me lembro (porque adquiri essa habilidade de deletar coisas ditas nas minhas aulas “fechadas”), mas entendi o porquê do exotismo que o professor transpareceu momentos antes. Será que era mais um grupo hippie que acenderia incensos, espalharia flores, cangas e almofadas pela grama, invocaria algum deus e faria mantras para nos elevar? Eu não estava disposta a isso, mas ainda assim, pedi que a secretária da escola ligasse para minha mãe e a avisasse que eu iria à aula aberta com a professora de artes e a escola faria o nosso transporte.

Ao chegarmos lá, descemos da van escolar e logo avistei alguns alunos com olhares inquietos. Fomos andando e nos aproximando do grupo quando Domênica tocou um sino repetidas vezes, algo que me transportou aos municípios interioranos, nos quais o tempo era marcado pelo entoar das igrejas. Achei estranho, além do susto que tomei, pois estava ao seu lado! Oi, geeente, ela dizia animada enquanto colocava no chão toalhas, cangas e lençóis velhos, nossa aula começou agora com as badaladas, alguém sabe por quê? Ninguém respondeu. Dado o silêncio, um dos professores quebrou o clima dizendo o sino é um símbolo, meus caros aprendizes! O sino lembra o quê?, ele perguntava instigando a nossa interação:

- Som, disse a menina de boné vermelho e calças listradas.
- Missa, disse o menino de sardas avermelhadas e tênis furado.
- Um aviso, disse a menina séria de óculos grandes.

Eu mesmo não falei nada, mas concordei com todos. O professor ficou alegre com as respostas e as utilizou como isca para falar sobre Benedicto Calixto. Já tinha ouvido falar, porque minha vizinha estuda em uma escola que leva esse nome. Mas, nunca tive curiosidade em saber quem teria sido a pessoa. Calixto foi um pintor e deixou um grande legado. Uma de suas marcas foi realmente pintar igrejas e cenas religiosas, afinal, nosso país foi

marcado pela colonização portuguesa, de raiz católica, certo pessoal? E continuava dizendo que o sino representava o som, era a representação de um despertar. Associava o instrumento musical ao despertar para as artes como se, a cada badalada, o sino dissesse:

— Espero por você! Venha!

Enquanto ele falava, eu e os demais colegas sentávamos no chão, ou melhor, nas cangas e toalhas com cheiro de mofo e nossas mãos sentiam grãos de café espalhados. Era tudo muito esquisito e eu começava a me perguntar o que tinha ido fazer lá.

— Tá cheio de café, alguém deixou cair essas sementes, disse um outro aluno com a feição tão desconfiada quanto a minha.

— A-há! Vocês são aprendizes mesmo! Perceberam os cafés, disse a outra professora! Porém, não são sementes, são grãos prontos para o uso, podem ser usados na culinária, na perfumaria, em decoração... e alguém sabe por que eles estão aqui?

Nessa hora, eu arrisquei. Disse que éramos uma região de origem cafeeira, ouvi isso em uma de minhas aulas “fechadas” com a professora de história.

— Sim! E o mestre de nossa aula aberta, Benedicto Calixto, pintou paisagens de fazendas e de seus cafeicultores. Conhecimento é vivo e sensível, minha gente! Aposto que toda vez que vocês virem grãos de café se lembrarão do nosso querido pintor!

Começava a entender o conceito de aula aberta quando o último membro da trupe aparece todo vestido de preto, pula à nossa frente, começa a nos fotografar incessantemente. Era uma polaroid branca, dessas que as imagens saem instantâneas. A máquina se destacava em oposição à roupa escura. As fotos que tirava nos traziam um desconforto, ele se abaixava, procurava o melhor ângulo, continuava com os cliques. Alguns alunos se

contorciam escondendo a face, outros riam e eu queria mesmo era fugir daquela exposição! Até me ocorreu de pensar no significado da palavra exposição! Exposição de arte ou exposição de mim mesma? Expor é fazer arte ou desnudar alguém? Pensava nisso enquanto me esquivava das lentes do homem de preto.

Depois de um tempo fotografando, e que pareceram horas para nós — os objetos da sua lente —, o professor pegou algumas telas, pincéis e tintas que estavam espalhadas. Começou a pintar, sem falar nada. Observava as fotos e pintava. De vez em quando, ele levantava a cabeça, olhava-nos, mas seu foco era a imagem e a tela.

Enquanto ele pintava, nós tentávamos imaginar o que ele apresentaria. A professora Domênica e sua amiga ligaram uma música em um volume agradável que permitiu que elas fossem ouvidas por nós enquanto liam trechos da história de Itanhaém, Santos e São Vicente. Eram memórias da formação das cidades, da sua importância econômica e também das belas paisagens da fauna e da flora. E as informações vinham leve, ritmadas, como poesia. Parecia que viajávamos no tempo, quase como se estivéssemos em um trem, observando as paisagens que passavam em nossa mente. Soubemos, ao final dessa performance, que Calixto havia sido, além de pintor, um ensaísta e historiador, tendo dedicado parte de sua obra a refletir sobre as potencialidades de nossa região.

Quando elas acabaram as explicações e a música terminou, o professor-fotógrafo virou-se e apresentou algumas telas:

— Galerinha, não consegui finalizar o de todos, mas eis aqui vocês, não mais em corpo físico, não mais em uma fotografia, mas agora eternizados pelos meus pincéis!

As imagens nas telas éramos nós. Não exatamente como somos fisicamente. Não exatamente nós em uma foto polaroid. Mas, éramos nós a

partir do olhar do homem de preto. Ele nos recriara e agora teríamos também uma outra existência.

Nosso silêncio falava muito. Nós gostamos do que vimos, uns acharam engraçado e os que ainda não haviam sido representados pediram que o professor continuasse. Queriam se ver em tela também. Queriam virar arte!

Domênica, então, nos contou que Calixto havia sido pioneiro na técnica que o professor havia nos apresentado. O artista itanhaense, ainda no século XIX, observava a natureza, as paisagens rurais, urbanas, as pessoas e os fotografava para, então, pintar suas telas. Cultivou o olhar subjetivo mediado pela fotografia, o que foi inovador para a época.

Nós prestávamos muita atenção a tudo, estávamos inteiros e a essa hora eu tinha certeza de que havia feito a escolha certa em desvendar a tal aula aberta. Os três professores buscaram em suas malas várias telas, pincéis, potes de tinta e Domênica aproveitou esse intervalo para dizer:

— Agora vocês serão nossos benditos! Nossos Calixtos! Peguem os celulares de vocês e explorem a visão! Lembrem-se do sino, ele já os despertou, vocês já são aprendizes! E seremos sempre, assim é a arte! Refinem o olhar, observem os ângulos, vejam os detalhes, a singularidade da vida. Respirem, sintam o corpo de vocês. Estejam abertos.

Eu e meus colegas, aprendizes de arte, levantamos, caminhamos, observamos coisas que não havíamos visto. Fotografamos. Nenhum de nós fez selfies, a experiência conduziu nosso olhar para além de nós mesmos. Percebi a importância de enxergar para além de ver. De sentir para além de pensar. A aula aberta nos descortinou, abriu caminhos. Já descalça, com os pés na terra e em frente ao mar, fechei os olhos e agradei. A Calixto, à Domênica, aos professores da Oficina. Agradei aos meus colegas e a mim

mesma. Lembrei da minha mãe gritando pela manhã, agradei a ela, meu sino diário, também ela queria o meu despertar!

Será o fim?

Por Vanessa Ibrahim

— Escuta, Ana. Elas também choram.

A mulher falava enquanto oferecia o peito seco ao charutinho de panos que embalava nos braços. Cantava a garoa escorrendo pela tez gelada das pedras, aos poucos se unindo às águas salgadas que, forçadas pelos ventos, despencavam em gritos de socorro sobre a Praia dos Sonhos. Naquele dia, a enevoadada enseada idílica era o espelho da mulher, que em algum tempo passado já vira ouro e, para alguém, fora sol.

Ali, no canto, encontrou pouso após andar sem rumo, partindo sabe-se lá de onde e sem destino algum. Veio descendo o praião, perdendo aos poucos a referência de sua existência, feito areia que, uma vez dispersa, não se recolhe mais. Perdida da pior forma, não em algum lugar, senão em si mesma. Borrados na paisagem, seu vestido amassado sem cor definida, o sapato encharcado e roto em um pé, sua cor morena desbotada. Assim, camuflava-se fácil entre o azul e o cinza dos mariscos do rochedo, pousando sem posar, longínqua, num horizonte que poderia ser pintura, mas então retratado em apenas um par de retinas.

Não era a primeira vez que a via. Adentrou sua história pela porta do trem na estação de Samaritá. Ele, vindo pela Santos-Juquiá, rapazote, levado ainda pelas mãos da mãe rumo à quermesse do Divino, que ela nunca perdia. Era um desses momentos de reencontrar as origens da família, saída dos bananais que adentravam a serra, para se espalhar pelos litorais num tempo em que não era muita gente que morava nas praias. Peregrinavam pelas graças alcançadas e para repactuar promessas. Para ele, a visita tinha gosto de mariola, cheiro de mato e fumaça na janela do vagão,

brincadeiras com os primos e talvez um banho de rio ou de mar. Os cerca de cinquenta quilômetros percorridos em quase duas horas levavam ao extremo do mapa de sua infância. Itanhaém estava muito além da Ponte Pênsil, em reta que os olhos não atingem e onde somente o fôlego da locomotiva era capaz de chegar.

— Vai bala, Ibirá?

A oferta era por bala de coco, brilhante no balaio levado nos braços pela moça de cabelos soltos e negros, nem bonita nem feia. Mas demorou a perceber que falava com ele. Chamou-o de quê? E não respondeu, afinal, a mãe não lhe permitiria essas ousadias.

— Mas será o Benedito? Oferecer doce para criança? Coisa de bugra! — resmungou a mãe. Sufocada pelos pedidos dos irmãos, que já choravam, erguia-se em soberba, que não vinha de berço.

Não aparentava, mas debaixo das pregas bem-feitas da saia, o dinheiro era contado. Se desse ali, não haveria de sobrar para a quermesse. Mas criança que é criança não pensa no depois e suplica com toda a alma pelo oásis de açúcar daquele momento, chance única que se perderia assim que recomeçasse o sacolejo da composição.

A moça sorriu um riso bobo, que pareceu deboche aos olhos da mãe. Porém, sorria assim sempre que ouvia o nome que acreditava ser de seu pai. Gostava do som dos nomes e das coisas. Dada a negativa feroz da mulher, virou-se rapidamente, deixando cair uma bala que rolou até o pé de Serafim. Ninguém percebeu, mas ele a pegou e tocou-lhe os ombros para devolver.

— Pode ficar — aquiesceu, piscando.

Não saberia dizer se foi o gesto afetuoso ou a pinta que ela tinha no branco de um dos olhos, mas guardaria aquele rosto em algum canto da mente. A imagem voltaria algumas vezes, em sonhos ou no reflexo negro

do rio Itanhaém. A bala ficou guardada escondida, melando o bolso, e a vendedora baixou do trem. Poderia ser que nunca mais a encontrasse e ficasse para sempre perdida na Samaritá que ficou para trás na janela. Mas não foi assim.

O tempo passou rápido como quem desce ladeira em carrinho de rolimã e era pensando nisso que Serafim olhava a rampa do convento. Já levava pelos no rosto e carteira de trabalho assinada pelos Correios, mesmo assim, tinha arrepios quando passava naquele lugar antigo. Numa curva, trombou com a mulher de branco, que vinha correndo, deixando cair o malote.

— Olá Francisco, não lembra de sua condessa?

Ele lembrava dela, mas claro, não sabia de condessa. No rosto, estampava a estranheza, contestada pela mulher:

— Vou à Vila de São Vicente tratar de tudo isso aqui, que é nosso, por direito — disse ela, partindo como surgiu, feito assombração, ao lado dos muros de pedra.

Em transe, Serafim recolheu as cartas caídas no chão. Inclusive a última, com remetente sito à Avenida Condessa de Vimieiros.

— Ela anda por aí assim mesmo, não dê atenção, moço — explicou a senhora da banca de frutas. Dizem que endoideceu depois que perdeu seu homem e a filha debaixo do trem. Nunca mais seu juízo voltou aos trilhos.

Nada respondeu, com pressa de chegar a tempo na estação e não falhar a entrega. Pensando nela, o corpo ainda estremeceria como os dormentes debaixo da ponte com o passar do vagão. Refletiu sobre os caminhos percorridos dentro da cabeça dela e as sombras como túneis, por onde se perdera.

Rodou muitos quilômetros entre trabalhos, estudos e amores e agora vinha de jardineira à cidade, que ficou cada vez mais próxima. Ergueu casa

para os finais de semana e tomou gosto pelos barcos e pela pesca. Um dia ia sobre as ondas com seu menino mais velho, ensinando-o a pescar. Na Ilha das Cabras, a mulher desenhava borboletas pelo ar tendo os braços estendidos.

— A maré subiu, pai, será que ela precisa de ajuda?

Aproximaram-se um pouco, mas não quiseram interromper o devaneio feliz da mulher, pintada em tintas de lama.

— Sou Pedrina, Emídio! — disse ela, abanando a mão. Vá em frente e espere por mim no Gabinete de Leitura, que logo termino minha obra-prima.

Serafim circulou o indicador ao lado da cabeça sinalizando a loucura e o filho riu, mais de susto do que de graça. Após aquele dia, passou a dividir a história da mulher com os filhos, embalando seus sonhos na hora de dormir. E assim ela também fez parte de suas infâncias, envolvidas pelo misto de liberdade e insensatez que resumia sua existência. Quando a velhice já tingia seus cabelos de branco, ele foi avistá-la novamente, naquela praia sob a chuva. Vendo-a subir o morro com o embrulho no colo, pensou nas histórias dos índios que atiravam filhos e idosos para não permitir que fossem escravizados pelos colonos. Já não tinha os cabelos — talvez não fosse ela — e, com certeza, não teria um filho nos braços. Os óculos se embaçaram com a umidade e assim ele a perdeu para sempre na neblina.

Naquele mesmo lugar, tempos depois, surgiria uma estátua esculpida na pedra. Não se sabe se seria a condessa, a pintora, a cunhã, todas ao mesmo tempo ou nenhuma delas. Para Serafim, é a mulher refeita em areia, ali imortalizada. Será este seu fim?

Crônicas



A lua dividida ao meio é uma ostra

Por Thiago Valeriano Braga

O mar é maré, em sete mares (...) Um deles, chama *Itanhaém*. Onde? No litoral paulista. Sim, de belas praias e *sol pintadinho de amarelo* num céu *branco-parvo*. Este, de *tombadilho*, se esparrama pela areia rala, antes da chegada dos banhistas, ávidos provadores das águas cantantes ♡. *Doce ósculo anunciado pelo oceano*. Ternura em forma de coração. A cidade praiana [*em comento*], recebe com alegria, tamanha beleza infindável. Conhecera, no passado remoto, a figura de *Benedito Calixto*, misto de artista e sábio professor. *Verve literária*. O talento lhe foi grato, sob a dádiva do *bem-viver*.

Benedito, em tudo e por tudo, foi um homem à frente do seu tempo. *Decorou a alma com finíssimas qualidades*. A de influenciar pessoas comuns, era uma delas. Sabedoria peculiar! Cativava quem quer que fosse, devido o seu dom natural para conversar amistosamente e possuir atitudes insuspeitas. A *pintura a óleo*, sobretudo, elevou o nome do gênio paulista [*perfil clássico*] para lugares recantados. Merecido destaque, aliás. *Paisagens bucólicas*. *Colorido-luxo*. *Tal qual* o encanto dos vossos expectadores! Pudera nós, ofertar-lhe um *maço de rosas* para agradecer, em pompas, a sua existência passageira [*no pretérito*]. Deixa um legado de trabalho digno de sadio apreço. *Itanhaém*, por sua vez, foi palco da desenvoltura de *Calixto* ♡. Orgulha-se, largamente. Teve, no entanto, outras atividades, de cunho precioso, para nobreza da sua pessoa [*rara*]. Uma página importante, deveras, na história do município-joia. Não pode nem deve ser relegado ao ostracismo.

Contamos, pois, com sincera imodéstia, o valor de *Benedito Calixto*, *amado-amante* das cousas simples deste mundo. Uma voz nunca isolada

que, em terna magia, *fez e refez* o seu *espaço místico* perante todos(as).
Que os cidadãos itanhaenses lhe sejam gratos, tanta pela envergadura de
pessoa livre, quanto pelos assinalados feitos à sociedade brasileira.

Promessa de futuro.

Tudo se deve, talvez, ao romantismo embevecedor de Itanhaém!

Viva a POESIA.

Pergunte a Calixto

Por Alex Manso Barros

Como chegar aos 169 anos, com essa jovialidade, em tempos de modernidade, redes sociais, com obras tão lúcidas? Pergunte a Calixto.

Pergunte como immortalizar sua terra, sua vida, quando estiver diante das pinturas da Rua da Quitanda, do Largo da matriz do Brás, do Porto de Santos — e terá sua resposta.

Como um menino nascido em 14 de outubro de 53 com o nome de Benedito Calixto de Jesus, filho de Itanhaém, conseguiu ir tão longe?

Aos 16 anos foi residir em Santos e tal cidade litorânea serviu de inspiração para suas obras.

Esse menino nasceu com um dom, mas teve de ser aprimorado, buscar novas técnicas, era uma joia a ser lapidada. Esses motivos levaram Calixto a Paris, a cidade luz, e durante o período em que estava na França seus mestres foram Gustave Boulanger, Lê Febvre e Robert Fleury. Mas pergunte se Calixto esqueceu São Paulo, pergunte se esqueceu Itanhaém. Quando estiver diante de obras como o Convento de Itanhaém, a Praia do Meio e Porto Sapucaitava, você terá sua resposta.

Na contramão dos artistas de sua época, não frequentou a academia de artes do Rio de Janeiro, sua formação foi na escola de artes de São Paulo e em ateliês.

Calixto demonstrou ser um bom escritor; com o conto *Costumes de Minha Terra*, recebia encomendas de quadros religiosos e históricos onde retratava, com toda perfeição, José Bonifácio, Padre José de Anchieta e Don Pedro — algumas de suas pinturas famosas.

Seu conhecimento e admiração pela cidade de Santos ajudou a criar, como sócio fundador, o Instituto Geográfico e Histórico de Santos. Foi um

multiprofissional, pintor, desenhista, professor, historiador, se aventurou até em astronomia. Pergunte se isso tudo lhe subiu a cabeça ao se deparar com obras como Moagem de Cana, Largo dos Remédios, Largo do Rosário, você verá que não é verdade.

Foi pintor até sua morte em 31 de maio de 1927, aos 73 anos. Suas obras retrataram as belezas de Itanhaém, Santos, São Paulo; momentos históricos. Foi para longe, mas nunca saiu de sua terra natal. Quando estiver diante de seu autorretrato, pergunte a esse senhor de cabelos grisalhos, óculos redondos e um belo bigode, como é chegar aos 169 anos. Será ele imortal? Ele com certeza lhe dirá:

— A Imortalidade nada tem a ver com a ausência de morte e sim de ser lembrado por seus feitos em vida enquanto lembrarem de ti estará vivo.

Se ainda tem alguma dúvida, pergunte a Calixto. Fique diante de uma obra de sua autoria. Ela te dirá tudo que tens para saber e quem sabe um dia você também encontrará o caminho para a imortalidade.

Breve história de um pintor itanhaense...

Por Mario Azevedo Alexandre

Salve o ano da graça de 1853, precisamente no dia 14 de outubro, sob o signo de balança, nascia um mestre, desde pequeno com suas mãos já balançava os pincéis sobre papéis, numa infância simples e despretensiosa, no litoral sul do Estado de São Paulo, na pequena cidade de Itanhaém, ouvindo o barulho das ondas quebrando sobre os rochedos, enaltecendo sua mente e com pequenos traços e múltiplas cores, fez surgir um talento precoce, estamos falando de Benedito Calixto de Jesus.

Podemos considerar como um dos maiores expoentes da pintura brasileira no início do século XX, sem contar outros atributos, além de pintor, foi desenhista, fotógrafo, professor, historiador, decorador, cartógrafo e astrônomo amador, porém aos 28 anos passa a residir em Santos, que aproveitando seu talento e inspiração pelas praias, porto e a cidade em ascensão, serviu de exemplo em muitas de suas obras que estão espalhadas pelo Brasil afora e exterior.

Em nossa região Metropolitana da Baixada Santista, a maioria das cidades tem a presença marcante desse gênio da pintura, em Santos, além do acervo da Bolsa do Café, os quadros emolduram aquele espaço centenário, dirigindo à praia, encontramos a Pinacoteca Benedito Calixto, com um espaço dedicado ao mestre, no majestoso Casarão branco, de frente aos jardins da orla da praia.

Na minha São Vicente, ao fazer minha caminhada matinal, atravessando a Praça 22 de Janeiro, tem uma escultura linda, que enaltece ainda mais a praça, sem contar os nomes de ruas ou logradouro públicos, lembrando sempre o carisma e a arte de Benedito Calixto, que nos deixou um legado que permanecerá para sempre.

Poesias



calixto bendito

Por Ernesto Bechelli

o mover do pincel
entre seus dedos
no suave das cores
tintadas de memória
mesclam este chão
salgado pelo mar
que tanto lhe inspirou
embutindo a cultura
de sua gente e sua terra
na beleza que encerra
tendo ao fundo
o soar dos seus sinos
a marcar pelo mundo
sua sina em retratar
detalhes, cenas e histórias
embrenhadas de mística
no branco da tela
que sela um seu olhar
em só um instante
rico a oferecer
o ponto e a matiz
tal como no
repartir de emaus
da antiga matriz
fechando um tempo

do seu sensível existir
que sua itanhaém
sempre relembra
em salão ou semana
seu nome, vida e alma
que eternamente
daqui emana

O pintor da vida

Por Roque Aloisio Weschenfelder

Ele foi e sempre será Calixto.
Pinta a vida paulistana
Mas também a vicentina.
É em Itanhaém onde é tão lembrado.

Calixto vê com olhos da alma
E pinta com mãos de mago.
Nunca deixa nada vago
E registra tudo com fotografia.

A vida de Calixto é de mania,
Pois a nada é indiferente.
Se vivo hoje fosse
Pintaria a vida no planeta Marte.

Pintar era sua arte
Pela vida inteira afora.
Quem visita os museus agora
Encontra de sua obra uma parte.

Sempre alçava voos mais altos;
Nunca desistiu das pinturas.
A vida nem sempre foi fácil
Mas vencia todas as agruras.

Tinha tinta grudada na mente,
Escrevia com pincéis sagrados,
Deixava todos os quadros alados,
Livres pra voar pelo mundo todo.

Por onde andava deixou rastros
Para nunca serem apagados.
Hoje em dia a sua memória
Enfeita uma deslumbrante história.

Calixto

Por Marcos Antonio Campos

Houve em Benedito Calixto
Uma imagem, uma lembrança de uma marinha
Latejando em cada poro de suas percepções
Presas a sua recôndita memória
Essa imagem não coube mais em seu peito,
Então ele abriu as janelas e portas de sua visão
E deixou-as saírem nas pinceladas de sua emoção
Ele abriu os dutos e campanários do ouvindo
E regido pelos sons das ladainhas
Pintou a Chegada do Padre Palácios
E saiu pintando outros palácios
Brás Cubas o Foral da Vila
O Pátio Interno da Cadeia de Santos.
A dança encefálica dos seus pinceis
Nos giros do sol e nos contrastes das sombras
Nas Cavalhadas de Campinas
Ou nas Fazendas de Café do Vale Paraíba
Rua da Quitanda, Estação da Luz
Quando o pintor sentiu a presença de Jesus
E começou a pintar anjos e santos
Que ornamentam várias igrejas
E essas imagens chegaram ao Vaticano
Que se não me engano, o presenteou
Com o bastão de ouro que se juntou ao louro de *Saint-Louis*.
O céu era uma tela gris

Onde pintor contemplou o Olho do Tempo
Transformando em telas as nuvens do firmamento
Dali surgiram figuras oníricas
Que a Persistência da Memória
Transformaram em arte a imaginação do artista
Num momento mágico, indefinido
Apareceu em seu caminho
A Inundação da Várzea do Carmo
As pinturas das águas marinhas de Santos
A beleza da Praia do Meio em Itanhaém
O astrônomo olhou para o céu
Nos últimos goles de uma taça de vinho
E pegou seu pincel ou sua máquina fotográfica
E surgiram vindos não sei de onde
O esboço do quadro Independência
E o minimalismo de uma pequena capela.
Podem ser sombra e luz, escuro e fogo
O aspecto rude de sua pintura nas cenas portuárias
Ou a abordagem dos diversos tons da natureza
Que dirão sempre, meias verdades
Miniaturas alegóricas da ilusão
Estampadas no Largo dos Remédios,
Na Vista de Cubatão
Ou na Matriz Colonial de Santos.

**Menções
honrosas**

Poesias



Autorretrato

Por José Valderano Junior

Quero eternizar o mar a terra as pessoas e o tempo.

Quero dar rosto e voz as figuras históricas que já se foram.

Quero levar a fé e a arte colossal, que só é possível, quando o raio de sol invade o ladrilho da igreja e acerta em cheio o quadro de “São Domingos”.

Quero viajar o mundo e “Longe do Lar” sentir saudades da minha terra do meu litoral, meu chão.

Quero desembarcar no “Porto Sapucahetava” e ir a “Praia com pescadores”.

Quero retratar minha cidade com a exatidão de um cartógrafo que traça seus planos no céu e nas estrelas, viajando no infinito desse imenso mar.

Quero bater as azas e voar para o estrangeiro, atrás da sabedoria que só um autodidata humilde é capaz de buscar.

Quero ensinar tudo que aprendi aos meus filhos, netos e a quem mais desejar aprender a pintar.

Quero popularizar a arte que tanto me fez crescer.

Quero descansar na “Prainha de Itanhaém” que me viu nascer.

Quero “Proclamar a República” com riqueza de imagens e na
“Ilha Porchat” poder descansar.

Quero retratar o “Naufrágio do Sírio” e “Na Cabana de
Pindobuçu” ver o pincel correr sobre a tela.

Quero no “Pouso” eternizar “O poema de Anchieta” Padre,
areia, mar e o céu para nos abençoar.

Quero escrever para jornais, revistas e traçar os mapas que
dividem as cidades dos rios e vales.

Quero fotografar e na ambiguidade da perfeição, aprimorar na
pintura o que foi captado.

Quero me aproximar do criador, revelando todas as belezas da
sua criação.

Quero me casar com o amor da minha vida, ter três filhos que
um dia vão seguir os meus passos.

Quero envelhecer, como o óleo sobre a tela, que resiste a ação
do tempo que cisma em amarelar a tinta.

Quero que depois da minha partida, todos vejam o meu “Autorretrato” pendurado na parede e tenham certeza que vou continuar admirando as belezas desse mundo perfeito, através das minhas obras.

Benedito Calixto de Jesus

O Homem que eternizou

O

TEMPO

A baixada de Calixto *Por Claudio Moreira da Silva*

Calixto Quando nasceu
Ainda jovem então criança
Em retratos e pinturas um mundo seu
Já sabia o menino retratar sua “dança”.

A história pela lente jovial da fotografia
Lá ia Calixto escrevendo sua própria história
Até os 16 anos em Itanhaém ele então viveu
Deixando em obras, sua perpétua memória.

Em Brotas brotaram mais obras
Logo porem retornou a Itanhaém
Para fazer brotar mais um grande momento:
Era hora do jovem Calixto se preparar
Para a chegada da futura Fantina
Graças à divina obra do seu casamento.

Depois os mais belos e inspirados santos
O levaram para Santos, numa nova e fortuita aventura.
Que incluía retratar paisagens em paredes e tetos
Calixto inquieto fazia sua primeira exposição de pintura.

Vendo sua fama crescer e a cada dia uma nova obra nascer
Calixto de Itanhaém e do Teatro Guarany contemplou feliz:
O convite de estudar e expor sua arte longe de seu povo

Era hora de sair de novo, porem agora rumo a Paris!

Alguns dizem sempre por aí que uma obra prima
É coisa que mesmo um grande gênio jamais repete.
Apesar disso porém nasceram Sizenando e Pedrina
Esta última, sua adorável menina em 1886 e 1887.

Morou Depois Calixto em São Paulo e até São Vicente
Adornou a baixada belamente, impressionou a toda sua gente.

700 obras o gênio de Calixto fez desabrochar
500 delas devidamente catalogadas para ninguém duvidar.
Afimale em frente seguia e religiosamente fazia
O que um artista faz quando a vontade o quase mata...
A ponto de numa comenda o soneto saiu-lhe mais belo que a emenda
E Calixto foi reconhecido até pelo Papa!

Amigos porem, já não vou mais além, porque mesmo sendo imortal
Calixto um dia teve que nos deixar...
Era 31 de maio de 1927, um infarto na casa de seu filho o
compromete
E lá se vai Calixto Pintar e criar nos braços eternos do eterno pai!

Um pensamento de Calixto

Por Érica Jorge Carneiro

Avisto o mar.

A onda que vem,
As caixas empilhadas
das embarcações que aportam,
Braços viris de um lado a outro
Corações frágeis dentro de si.

Sinto-me cansado.

Estarei eu, Calixto, a me retirar
da paisagem brasileira?

Vi cafeicultores enriquecerem,
cidades litorâneas se desenvolverem
Pintei tetos de igrejas que me levaram
ao cume:

o céu

E vi escravizados sofrerem
em seus corpos:

o inferno

Talvez eu não me retire.

Talvez meu olhar permaneça nas minhas telas
que levaram — além das paisagens —
meu coração e esperança.

Meus pincéis — extensão de mim —

recolhem-se.

Mas, deixam eternizadas as tintas
doces, fortes, intensas.

Bendito Calixto

Por Carlos Roberto Ribeiro

Bendito desde a concepção
De Conceição de Itanhaém
Benedito Calixto,
tinha nas veias o artista
E pintava como ninguém

Pintor, desenhista, professor
Mas não parou por aí
Era também fotógrafo e historiador
Decorador, cartógrafo e astrônomo
E mais coisas estavam por vir

O ofício de marceneiro
Ele aprendeu com o pai
Mas em busca de trabalho
E com poucas oportunidades
Calixto precisou migrar
Percorrendo outras cidades

De Itanhaém para Santos
De Santos para Brotas
E foi nesta cidadela
Que Calixto teve a experiência
De pintar sua primeira tela

Aos 24 anos retornou à sua terra natal
Casou-se com a prima Antônia
Com quem teve três filhos
Fantina, Sizenando e Pedrina
Coroaram a união conjugal

Com rara beleza expressa em cada
pintura

Calixto ainda buscava o primor
Para retratar com exatidão
Porque era um pesquisador

Reconhecido pela elite de Santos
Ganhou bolsa para estudar em Paris
Mas permaneceu sensível
Às belezas naturais e às questões sociais
Que existiam em seu país

Temas religiosos e historiografia
Lhe renderam reconhecimento
Mas permaneceu o prazer
De retratar a natureza
Expressando por ela todo seu
sentimento

Retratou São Paulo, Itanhaém
E, como um todo, o litoral paulista
Constam que cerca de mil pinturas

Têm a assinatura deste excelente artista.

Deste ilustre cidadão
Há muito mais a relatar
Mas não há laudas suficientes
Nem estas nem todas existentes
Conseguiriam seus feitos suportar

E a Pinacoteca?
A Benedito Calixto
Fica Ali no Boqueirão,
Na orla da praia de Santos,
Número 15 da Bartolomeu de Gusmão.

Pintando a vida

Por Marcus José do Nascimento e Silva

Parei... Para escrever!
Sobre um grande artista
Ele, Benedito Calixto
Verdadeiro desenhista
Por setenta e três anos, aqui viveu
Ao seu talento, o Brasil, se rendeu
No período pré-modernista

O mundo imaginário, materializou
Como um incomparável fotógrafo
Rica biografia, obras, ele deixou
Leu o planeta, como cartógrafo

Não poderia esquecer...
Ah! Grande versatilidade
Esse paulista, de Itanhaém
Para a nossa felicidade
Também foi professor
Astrônomo e decorador
Legado de integridade

Desta forma, para encerrar
Essa breve, singela, poesia
Relevante é, sim, lembrar
E publicar, com muita alegria

Exponencial é, na literatura
Principalmente na pintura
Coloriu a vida, com maestria.

Voa passarinho, voa

Por Clarie Porto

Voa passarinho, voa
Você que sabe voar
Voa por toda essa praia
Voa por essa imensidão azul
Essa mistura de céu e mar

Voe por todo esse mundo
E venha me visitar
Venha para França, para Paris
E me traga a lembrança, daqueles que deixei por lá

Traga o cheiro de maresia
E mate-me a saudade
Daquele céu, daquele mar
Porque beleza como aquela
Não encontro em nenhum lugar

Voa passarinho, voa
E leve uma mensagem
A quem possa interessar
Diga que logo volto
Para onde o meu coração está

Poesia estudiantil



Um homem indescritível

Por Isabela Tressino Valentim

Benedito, benquisto, bem visto, bem dito Calixto
Itanhaense de dons incansáveis
Menino prodígio desde pequeno
Sempre pintava lindas paisagens.

Uma imaginação sem fronteiras
Viajou do Brasil até a França
Homem de coração puro
Agora apenas uma lembrança.

Mas será o "benedito"
Quanto progresso vimos na Itanhaém de Calixto!
Não há palavras no mundo todo
Capazes de descreverem tal rapaz.

Tantas transformações, mudanças infindáveis
Com tantas proezas
Meu caro Benedito
Descanse em paz.

Secretaria
de Educação
Cultura e
Esportes



PREFEITURA DE
ITANHAÉM